

RENDA E SALÁRIO NO CEARÁ, BRASIL (1)

*Allen W. Johnson e
Bernard J. Siegel*

Os camponeses das duas fazendas estudadas são simultaneamente meeiros e assalariados. Os salários são parcialmente determinados pela oferta e procura; porém outras condições determinam também os salários, por exemplo, relações pessoais entre patrão e trabalhador. Um trabalhador tem várias possibilidades no mercado de trabalho assalariado; o que êle escolhe depende em parte de sua renda e riqueza. Geralmente, quanto maior fôr o suporte de riqueza que o distancia da subsistência marginal, mais certamente êle arriscará in-

(1) A análise contida neste trabalho tem por base os dados colhidos num estudo de campo realizado pelos autores, em duas fazendas de algodão e gado — localizadas no Estado do Ceará, Brasil — durante o período de junho de 1966 a agosto de 1967. O estudo foi subvencionado por verbas do Agricultural Development Council, uma bolsa do Social Sciences Research Council e uma ajuda do Committee on Latin America Studies de Stanford University. Agradecemos a todos que possibilitaram esta pesquisa.

Título do original inglês "Wages and income in Ceará, Brazil" (Salários e rendas no Ceará, Brasil — Allen W. Johnson e Bernard J. Siegel — pp. 1-13 (3 tabs.) — in "Southwestern Journal of Anthropology" — vol. 25, n.º 1 — University of New Mexico — Albuquerque — 1969. Traduzido do inglês por Carlos Maurício de Castro Costa — Fac. de Ciências Sociais e Filosofia — Universidade Federal do Ceará.

O estudo de campo recebeu a colaboração do extinto Instituto de Antropologia da U.F.C., dêle havendo participado o professor João Pompeu de Sousa Brasil, do setor de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia, a quem muito devem os autores.

vestir no trabalho agrícola, onde lucro e risco aumentarão com o investimento. Nos extremos há dois tipos distintos de trabalhador: 1) o trabalhador assalariado orientado no sentido da segurança; e 2) o *entrepreneur* que se arrisca e se orienta no sentido de investimento. Ambos os tipos são meeiros, dependentes do proprietário da terra; ambos se consideram socialmente iguais; contudo, as diferenças em lucro e riqueza levam a um comportamento diferente no mercado de trabalho assalariado.

INTRODUÇÃO

Conquanto possam diferir quanto aos atributos das sociedades “camponeses”, os pesquisadores estão comumente de acôrdo quanto ao fato de que essas sociedades estão ligadas a unidades sociais maiores, ao mesmo tempo que exibem características de comunidades autônomas.⁽²⁾ Dentre as várias maneiras pelas quais um camponês pode entrar em contato com forças que operam além dos limites de seu próprio povoado, encontramos o sistema de mercado em que são permutados produtos e serviços, caracteristicamente com o uso de dinheiro (Belshaw 1965:54). A expressão “sistema de mercado” pode referir-se a dois fenômenos bastante distintos: primeiro, a uma rêde de locais específicos — nos quais as transações são efetuadas regularmente e com alta freqüência — cujas quantidade, distribuição e funções são predizíveis de acôrdo com alguma teoria;⁽³⁾ e segundo, a um mercado, independente de localização específica, que é o mecanismo pelo qual os preços dos produtos e serviços são determinados. O trabalho antropológico de campo entre os camponeses nos permite alguns conhecimentos sôbre o primeiro fenômeno; no entanto, até o presente, sabemos muito menos sôbre a operação do segundo, se bem que êste constitua a preocupação

(2) Em sua discussão mais recente do problema, Wolf especificou que esta sociedade maior e invariavelmente um Estado, o qual, com freqüência — mas nem sempre compreende cidades. Esta sociedade, para satisfazer seus próprios objetivos, transfere parte da produção do camponês para o Estado. Vide Wolf (1966:11).

(3) Cf. Mintz (1959); Mintz (1960:15-58); e Skinner (1964: 3-34).

dominante dos economistas que estudam a sociedade industrial.

Entre os produtos e ações permutadas pelos camponeses está o trabalho. Contudo, nem todo trabalho é trocado de acordo com o princípio de mercado. Na troca de trabalho com parentes biológicos ou rituais (resultantes do sistema de compadrio, por exemplo) entram em jogo geralmente considerações outras que não a maximização de ganho em termos de dinheiro. Porém aquela forma de serviço que é vendida como um artigo no mercado, o trabalho assalariado está bastante de acordo com o princípio de mercado. O propósito deste trabalho é examinar a natureza do serviço assalariado em duas comunidades de "camponeses marginais" (4) no sertão árido do nordeste do Brasil. Visto que o salário que um homem pode reivindicar e a necessidade que pode ter de procurar trabalho assalariado estão relacionados com sua capacidade produtiva, achamos aconselhável discutir também certos aspectos da renda camponesa. Iniciamos calculando o valor de mercado da produção agrícola que um trabalhador pode atingir com uma quota específica de trabalho (que conduz a uma medida de produtividade); isso é então comparado ao salário mínimo, ou "básico", pago na região por trabalho agrícola não especializado. Em seguida, discutimos os fatores que influenciam a quantia relativa ao salário que é pago a diferentes trabalhadores de acordo com seus diferentes atributos; e, finalmente, observamos a existência de diferenças na renda e relacionamos essas diferenças com o comportamento relacionado à obtenção de salário.

As comunidades aqui consideradas são duas fazendas, distantes entre si cerca de 80 kms. e situadas no interior do Ceará, Brasil. Elas possuem condições ecológicas semelhantes — um clima semi-árido, grandes flutuações nas quedas de chuva, secas periódicas, e uma vegetação natural que consiste em cactos e arbustos ("caatinga") — porém variam em relação com as características de propriedade — administração, contratos de proprietário — trabalhador, e disponibilidade para fins de cultivo de áreas não utilizadas como pasto. Os

(4) Veja Oberg (1965: 1417-1427).

camponeses plantam, segundo métodos primários, algodão e produtos de subsistência; em troca do direito de utilizar áreas de terra, repartem a sua produção com o proprietário da terra, e em alguns casos ficam obrigados a dar-lhe um número específico de dias de trabalho. O proprietário cria também gado nas terras ociosas e, após a colheita, nas áreas utilizadas para a lavoura.

Os trabalhadores que executam serviços nessas fazendas são parte de uma grande e homogênea população de alta mobilidade; cerca de 10% dos trabalhadores de uma fazenda são substituídos anualmente por migração. Podem mudar-se para um centro urbano,⁽⁵⁾ para outra área rural do Brasil, ou para um pequeno lote de terra que herdaram ou adquiriram.⁽⁶⁾ A maioria, contudo, se desloca de uma fazenda para outra dentro da mesma região. A existência de alternativas múltiplas para êsses camponeses marginais dá-lhes um grau de independência desconhecida entre os trabalhadores ligados por laços mais íntimos a fazendas particulares. Mesmo quando residem numa fazenda, êles freqüentemente vão trabalhar por diárias em cidades próximas e em fazendas vizinhas.

A maior das duas fazendas é Boa Ventura, a estudada por Johnson de outubro de 1966 a agosto de 1967. Compreende cerca de 2 500 hectares, pertence a um fazendeiro que mora fora e é administrada por um morador. A fazenda menor, chamada Ouro Prêto, compreende cerca de 1 700 hectares e é administrada por três irmãos proprietários aí residentes. Na Boa Ventura, os trabalhadores podem fazer um

(5) Fortaleza, a Capital, atrai muitos camponeses do interior do Ceará e Estados vizinhos. Alguns dêsses imigrantes retornam, mas o crescimento da rede urbana é substancial. Um número menor de migrantes se desloca, durante o período da seca, para a cidade e a região agrária adjacente a São Paulo, a cerca de 1 500 milhas. Os processos de migração e instalação rural-urbana merecem intensivo estudo. Não afetam materialmente os quadros de migração interna do sistema de fazenda sobre o qual estamos relatando, mas a menos que sejam puramente casuais (o que é duvidoso) qualquer fator seletivo mereceria ser avaliado para a análise de adaptação ao ambiente urbano.

(6) Não obtivemos, especificamente, informação sobre todos os casos de herança ou aquisição de propriedades por camponeses da área pesquisada. Nossas notas sugerem que cerca de 10 ou 15% dos chefes de família estão nessa categoria. Todas essas propriedades são pequenas e inadequadas para produção econômica de gado. São pobres em suprimento subterrâneo d'água e não possuem açudes para manter gado e roçados em anos de seca. Por isso, num ano seco, êles a vendem para se manter e procuram contrato com outro fazendeiro.

de dois acórdos gerais com o fazendeiro: 1) dar metade da colheita de algodão e um têrço da colheita de milho e feijão ao fazendeiro em troca do direito de utilizar a terra; ou 2) dar metade da colheita de algodão e dois dias de trabalho por semana em troca do mesmo direito. Os camponeses de Ouro Preto podem fazer um de três contratos com os respectivos irmãos, cada um dos quais administra um setor separado da fazenda. Um dos proprietários recebe metade da colheita de algodão dos trabalhadores, os quais têm direito a todo milho, feijão e outros produtos agrícolas que cultivam. Sob êsse contrato, o camponês deve limpar e preparar a terra onde poderá trabalhar e deve também fornecer sua própria semente. Um segundo irmão limpa e lavra tôda a terra sob sua administração e fornece semente, dá um têrço da colheita de algodão para o trabalhador durante o primeiro ano após o período de pousio e daí por diante a metade da colheita, recebendo um têrço da colheita de todos os outros produtos. O terceiro proprietário reparte com o trabalhador os custos de preparação da terra; divide a colheita de algodão da mesma maneira que o segundo, mas cede tôda a colheita de produtos básicos ao trabalhador.(7)

Visto que o algodoeiro produz por mais de 10 anos, e há terras disponíveis, que podem ser mantidas sob permanente cultivo, há uma base econômica para certo grau de estabilidade residencial; por êste motivo encontramos não um proletariado rural desprovido de terra, porém famílias nucleares camponesas, organizadas até certo ponto em agrupamentos locais de parentes, com alianças para propósitos de troca ("contratos diádicos") nos têrmos de Forster(8) e vínculos a determinados lotes de terra os quais perduram por vários anos, pelo menos. Há uma leve deficiência de trabalho nessa

(7) Estes não esgotam os possíveis acórdos entre o dono da terra e o produtor agrícola. O proprietário de uma grande fazenda vizinha de Ouro Preto, por exemplo, é um senhor muito idoso. Nenhum de seus herdeiros reside na fazenda e suas necessidades são poucas. Os trabalhadores que aí se instalam podem ficar com o total da colheita de todos os produtos de subsistência. Como patrão, o velho goza de uma indiscutível reputação de generosidade, o que lhe causa agrado e lhe permite dispor de uma fôrça de trabalho a qual pode utilizar para suas próprias necessidades limitadas. Não assume qualquer obrigação para com o trabalhador e sua família, quer emprestando dinheiro ou facilitando empréstimos, quer ajudando em casos de doença.

(8) Veja Foster (1967: capit. 11).

área do Ceará, de modo que aquelas partes da fazenda que estão distantes de comodidades tais como água, mercearias e convívio humano não são atualmente exploradas em sua capacidade total. Muitos hectares não são cultivados na fazenda maior por essa e outras razões. Além disso, nos períodos de alta necessidade de trabalho, tais como no tempo de "limpa", os trabalhadores, os pequenos fazendeiros e os grandes proprietários de terra estão todos competindo pelas relativamente escassas ofertas de trabalho.

PRODUTIVIDADE DO TRABALHO

A unidade de medida de trabalho usada pelos operários nessas duas fazendas é o homem-dia. Para êles, o homem-dia é a quantidade de trabalho realizado por um homem casado, num dia; a contribuição aproximada de trabalho de outros indivíduos é expressa em termos dessa unidade. Pediu-se a quarenta e quatro trabalhadores de Boa Ventura que avaliassem a quantidade de trabalho realizado no período correspondente ao ano de estudo e aos 2 que lhe antecederam e declarassem a colheita que daí resultou. Expressando a colheita de cada ano em valores monetários (determinados pelos valores médios do mercado de culturas de subsistência, e dividindo esta cifra pelo total de homens-dia empregados em sua produção durante aquêle ano, pode-se ter um número que representa o valor em dinheiro de um homem-dia de trabalho investido no seu próprio roçado.

	Produção total (valor em
	Cr\$)
Valor de trabalho investido nos roçados dos trabalhadores	= _____
	Total de homens-dia investidos
	Cr\$ 63 652,75
= _____	= Cr\$ 5,23 por homem-dia. (9)
12 167 homens-dia	

(9) Na época do estudo, 1 dólar valia 2.700 (2,70). (N. T.) Os cálculos acima já estão de acôrdo com a nomenclatura atual. 1 dólar hoje (1970) custa Cr\$ 4,55.

O mesmo cálculo para uma amostra de 20 trabalhadores de Ouro Preto forneceu a quantia de Cr\$ 5,26 (5 260 cruzeiros antigos) por homem-dia.

Visto que o trabalhador emprega uma tecnologia simples, que implica em pequenas quantidades de capital (cêrca de Cr\$ 10,00 num ano) a quantidade calculada pode ser vista como uma retribuição ao trabalho, com a seguinte condição:⁽¹⁰⁾ 23,4% dessa produção no valor de Cr\$ 14 894,74 (14 894 740 cruzeiros antigos) é pago ao dono da terra em retribuição ao direito de utilizá-la e pode ser considerado como uma espécie de aluguel; além disso, o trabalho, que custaria ao proprietário Cr\$ 1 768,00 (1 768 000 cruzeiros antigos) em taxas salariais correntes (2,8% da produção total), é dado em troca pelo direito de uso da terra e pode também ser considerado como uma espécie de aluguel. Subtraindo um total de 26,2% do valor do homem-dia de Cr\$ 5,23 restam Cr\$ 3,86, o correspondente ao lucro de um homem-dia, exclusive o custo de aluguel.

SALÁRIOS

Dependendo das condições a serem especificadas abaixo, os salários em todo o sistema de fazendas dessa área (a comunidade efetiva) variam consideravelmente, de menos de um sétimo $1/7$ (Cr\$ 0,50) a mais de $1/2$ (Cr\$ 2,00) do valor de um homem-dia calculado no parágrafo precedente. Em todos os tipos de trabalho, embora os salários e condições de trabalho variem amplamente, entendeu-se que o empregador fornece o almôço e o jantar além do salário. Por essa razão ao se comparar os lucros com as retribuições dos terrenos de um trabalhador, deve-se acrescentar Cr\$ 0,70 (o custo de duas refeições). Na maior parte, a discussão abaixo refere-se apenas ao salário em espécie.

O salário padrão por um dia de trabalho não especializado na região em que o estudo foi feito é de Cr\$ 1,00; êsse

(10) As computações estão baseadas em dados de Boa Ventura. As percentagens calculadas em relação aos dados de Ouro Preto, como as computações acima de um homem-dia de trabalho, são tão semelhantes que não foram incluídas.

é o salário básico para situações impessoais do tipo empregador-trabalhador, salário êsse que se mantém na maior parte do ano e abaixo do qual os trabalhadores não aceitam emprego. Isto é, quando o salário sobe acima de Cr\$ 1,00, os trabalhadores o consideram fortuito, ainda que não inesperado; enquanto que se um salário abaixo dêse fôr oferecido, o trabalhador acha que não deve aceitar e passa seu tempo na ociosidade ou realizando tarefas de seu próprio interêsse, porém de baixa prioridade. Em resumo, quando os salários chegam a Cr\$ 1,50, pode-se encontrar trabalhadores que recebam apenas Cr\$ 1,20 ou Cr\$ 1,00; porém quando a ninguém é pago mais de Cr\$ 1,00, ainda nenhum trabalhará por menos.

DETERMINANTES SALARIAIS

Há várias condições que influenciam a determinação de salários e explicam sua variabilidade. A primeira delas são as mudanças sazonais quanto às necessidades de trabalho local. Embora os trabalhadores migrem com alta freqüência, seus deslocamentos são sempre de uma residência estável para outra; não há migrações sazonais de uma grande força de trabalho. Os trabalhadores residem sempre numa fazenda, em seu pequeno lote (geralmente insuficiente), ou num povoado. Todos êsses podem procurar trabalho em fazendas vizinhas, mas visto que êles mesmos são agricultores que se dedicam a seu lote grande parte do ano, e desde que cultivam os mesmos produtos com os mesmos métodos, o ponto culminante da curva de necessidade de trabalho de ambos, empregador e empregado, coincidem. A oferta de trabalho é inelástica relativamente à demanda de trabalho, e assim os salários sobem ou descem com a mudança sazonal.

No final da estação de colheita, quando continua a "limpa" e "queima" dos lotes, os salários são de Cr\$ 1,00; há relativamente muito emprego, mas não há grande pressão para completar as tarefas. Habitualmente, o preparo se faz antes da época de plantio (o qual se inicia no comêço da estação chuvosa, que vai de fevereiro a junho) e segue-se então um

período de abundante oferta de trabalho. Existe desemprego, pois muitos trabalhadores que procuram trabalho assalariado não o conseguem, mas o salário não cai abaixo de Cr\$ 1,00. Logo que as chuvas do inverno começam, o salário aumenta para Cr\$ 1,20, em seguida para Cr\$ 1,50; fica dentro desse limite através dos estágios de plantio e “limpa”, e nas fases iniciais da colheita. Se todos plantassem no mesmo dia, poderíamos esperar que os estágios de trabalho mais intenso coincidissem o bastante para causar pequenas flutuações por todo esse período; mas, de fato, cada agricultor planta espécies um tanto diferentes em diferentes tempos, com diferentes métodos, de acordo com sua própria capacidade e cálculos. Desta defasagem resulta que toda a estação de cultivo é caracterizada por um grau constante e elevado de necessidades de trabalho. Os salários flutuam, mas o fazem principalmente por razões a serem discutidas abaixo ou por razões individuais. Um exemplo do último ponto é o caso de um fazendeiro que atrasou-se em sua “limpa” a ponto de ameaçar toda a sua colheita. Para atrair um número suficiente de trabalhadores, de imediato, ele ofereceu Cr\$ 1,50 na época em que todos recebiam cerca de Cr\$ 1,20.

O período de colheita de algodão, após a produção de milho e feijão, é a época de maiores exigências de trabalho. A colheita de algodão absorve quase todos os membros da família, exceto os mais jovens, e mesmo assim os salários sobem muito. Não é possível especificar o seu teto, pois cada trabalhador é pago pelo volume do que ele colhe ou “apanha”,* mas até mesmo uma adolescente pode ganhar tanto na colheita de algodão quanto um homem casado durante o resto do ano, e um “apanhador” forte pode obter cerca de Cr\$ 2,50 por dia ou mais. Uma segunda condição que afeta a determinação de salários no Ceará é a especialização. Pouco precisa ser dito desse fator óbvio, porém podemos salientar os seguintes pontos. Primeiro, o salário que um profissional hábil pode ganhar por contrato é várias vezes maior que o ganho por um trabalhador não especializado: um carpinteiro, construtor de casa, ou fabricante de telha, espera ganhar

(*) (N.T.) “Apanhar” é o termo popular para colher.

Cr\$ 3,00 ou mais por um dia de trabalho. Segundo, dentro da fazenda tôdas as pessoas especializadas são simultâneamente agricultores, de modo que geralmente não se ocupam de seu mister até que se tenha iniciado um período de diminuição de trabalho nos campos. Para êles a especialização não representa uma profissão porém um suplemento para a agricultura que proporciona um grande aumento de segurança.

Um carpinteiro ou oleiro tem assim duas opções. Pode morar num povoado ou cidade e ocupar-se de seu ofício todo o tempo, dependendo das encomendas feitas pelas pessoas da cidade ou fazendeiros dentro do raio comercial da comunidade. Ou pode viver como trabalhador numa fazenda e alternar seu ofício com trabalho agrícola, conforme a demanda dêste. No último caso pode receber encomendas de qualquer freguês pela taxa corrente, como um profissional de seu ofício, porém é obrigado a executar tarefas para o proprietário a uma taxa mais baixa em troca do direito de utilizar a terra. As decisões que tomará em qualquer época dependerão dos cálculos da proporção das despesas gerais e custos de vida em relação à quantidade de fregueses na primeira alternativa, em contraposição aos benefícios de custo (alojamento, custos médicos inferiores, e baixos custos de subsistência) em relação ao pagamento inferior por trabalho especializado que êle fornece ao proprietário. Com o tempo êsses cálculos variarão. Um carpinteiro, por exemplo, casado há seis anos e com 2 filhos pequenos, tinha grande dificuldade em escolher entre essas alternativas. Tendo completado seu aprendizado apenas alguns anos antes, sua clientela potencial era irregular quando morava numa cidade. Como um trabalhador de fazenda, precisava contratar virtualmente todo o trabalho agrícola que êle próprio não podia fazer. Por 3 anos vacilou entre trabalho profissional em tempo integral e a vida de trabalhador especializado numa fazenda. Tendo seus filhos crescido e sua esposa se tornado menos ocupada com o cuidado das crianças, êle optou pela vida de trabalhador, experimentando com 2 ou 3 fazendeiros até que descobriu um que fazia menor demanda de seu tempo como carpinteiro.

A terceira condição é a natureza da relação social entre o empregado e o empregador. Se a relação é estritamente

pecuniária e temporária, mantém-se o que se disse acima. A existência de certa ligação de continuidade pode, mas não necessariamente, alterar o salário; porém se o altera, invariavelmente o diminui. A ligação que existe entre o senhor da terra e seus trabalhadores é a seguinte: quando os trabalhadores têm obrigações de trabalho, eles a perfazem por um salário de apenas Cr\$ 0,50 por dia, não importando os salários pagos noutros lugares. O trabalhador habilitado que realiza trabalho para a fazenda recebe similarmente apenas Cr\$ 2,00 por dia. Essas podem ser consideradas como parte das condições sob as quais um trabalhador tem permissão de usar as terras da fazenda aceitando uma posição na fazenda, na qual não pode recusar aceitar trabalho pago nesta base; como tal, a perda em salário pode ser considerada como parte dos custos de "aluguel" dos trabalhadores (veja p. 5 acima).

Existem outros vínculos que contêm a possibilidade de uma diminuição salarial. Além dos limites da fazenda, há indivíduos, sobretudo comerciantes e pequenos fazendeiros, que tornam possível crédito e empréstimo para os trabalhadores que estão, por alguma razão, temporariamente em dificuldades financeiras. Para pagar a dívida, os trabalhadores frequentemente concordam em trabalhar certo número de dias por um salário inferior aos níveis salariais existentes; quando perguntado por que êle aceitara um salário inferior, um informante respondeu: "Porque êle é meu patrão; êle me emprestava dinheiro quando eu precisava, e agora eu estou lhe fazendo um favor". Igualmente, quando alguém trabalha para um amigo íntimo ou parente, ocasionalmente o faz a título de favor por Cr\$ 0,10 ou Cr\$ 0,20 menos que a taxa corrente. Para êsse último não há exigência formal; é um de uma variedade de pequenos favores que caracterizam as relações estabelecidas de troca entre iguais.

Finalmente, uma condição cuja influência nos níveis salariais é de difícil avaliação é a disponibilidade para o trabalhador de fontes alternativas de dinheiro e produtos de primeira necessidade. Os trabalhadores tentam armazenar

(11) Os camponeses dessas comunidades avaliam "previdência" como um requisito primordial para conferir aprêço. Alguns se engajam em "prognosticar", para

bastante gêneros para o ano seguinte antes de vender o resto para conseguir dinheiro para outras aquisições.(11) Alguns dos menos bem sucedidos esgotam seus víveres cedo, enquanto outros os mantêm até a colheita seguinte. Porque facilmente se tem carência de, pelo menos, um tipo de gênero (por exemplo: milho, feijão ou mandioca), e porque pequenas necessidades urgentes surgem escasseando as reservas, é incomum qualquer família passar todo um ano sem necessitar de dinheiro. O trabalho assalariado é uma maneira de resolver êsse problema, mas apenas como um recurso final; primeiro, o trabalhador procura tôdas as outras alternativas. Se há disponibilidade dessas, na forma de patrões ou amigos que emprestam ou adiantam dinheiro na expectativa de uma boa colheita, a pressão por trabalho assalariado desaparece. Como temos visto, os salários raramente igualam mesmo a metade do valor do trabalho de um homem em seu próprio lote (mesmo após o pagamento dos aluguéis); assim o trabalhador ao que parece, vagamente consciente dêsse fato, evita trabalho assalariado sempre que seja viável a alternativa de trabalhar em sua terra.

SALARIOS E RENDA

Estamos interessados no grau em que a renda anual de um trabalhador influencia seu comportamento relativo à venda de seu trabalho assalariado ou à compra do de outrem. Não possuímos uma informação direta sôbre a renda anual da maior parte dos trabalhadores, de modo que devem ser usadas algumas maneiras indiretas de avaliar a renda. De

usar uma distinção sugerida por Bourdieu. Um prognosticador, nesse sentido, é alguém que poupa recursos para serem aplicados a metas incertas num futuro indefinido, o que implica num esforço para mudar o próprio status. Prever consiste essencialmente em acumular, "reservar uma parte de produtos válidos para consumo futuro..." É uma ação essencialmente limitada e relacionada com a manutenção de status. Veja Bourdieu (1963: 63-64). Num trabalho futuro pretendemos avaliar a incidência e natureza de planejamento de empresário nessas fazendas e sugerir as oportunidades de aprendizado dessa espécie de comportamento. Veja também pp. 10-11 abaixo.

26 trabalhadores da fazenda Boa Ventura e 20 trabalhadores da fazenda Ouro Prêto, possuímos dados que dão sua riqueza total em posses materiais e o valor de seu investimento agrícola em 1966-1967. Para nossos propósitos, a riqueza total é provavelmente uma medida superior à da renda anual, porque é acumulada no curso de anos, fazendo uma média das flutuações anuais inevitáveis resultantes de um clima incerto; e porque reflete o excedente em relação às necessidades imediatas de consumo, ela é pequena para as grandes famílias que têm grandes rendas mas que podem freqüentemente estar necessitadas de dinheiro em espécie.

Há contudo razões para se usar a grandeza do investimento agrícola (medido em termos da quantidade de terra semeada) como um índice de renda anual. Primeiro, uma "riqueza total" não pode ser observada (por exemplo, quanto a empréstimos), enquanto que jamais há dúvida sobre a quantidade exata de plantio feito. E, segundo, a posse material total é algo que varia com a extensão de residência na fazenda; uma família que chegou recentemente pode ter uma grande renda anual sem ter ainda adquirido posses.

Que êsses dois conjuntos de dados medem substancialmente diferentes coisas está indicado pelo fato de que êles estão apenas debilmente correlacionados (o coeficiente de correlação de diferença de classe de Spearman + 0,35). Isso sugere duas hipóteses que podem ser testadas aqui.

A primeira hipótese é a de que os homens com mais riqueza tenderão a trabalhar menos freqüentemente por salários e a contratar outros com maior freqüência que os homens com pouca riqueza. O raciocínio é o seguinte: desde que o desejo de trabalhar por salário resulta do deficit de dinheiro, em casa, os homens mais ricos estarão, com menos freqüência, em deficit; além disso, pode-se lucrar ao se contratar trabalhadores assalariados, se êstes forem utilizados eficientemente, de modo que os indivíduos com maior riqueza serão mais capazes de explorar essa oportunidade. O teste do X^2 fornece um resultado significativo que apóia a hipótese sobre o conjunto de freqüência na tabela 1.

TABELA 1

Relação entre classe de riqueza e comportamento de ganho salarial

	Riqueza acima da média	Riqueza abaixo da média
Apenas contrata outros	11	8
Sòmente trabalha por salário	3	24

$$\begin{aligned}
 n &= 46 \\
 X^2 &= 9,04 \\
 p &< 0,01
 \end{aligned}$$

A segunda hipótese é semelhante à primeira, mas procura uma relação entre trabalho assalariado e comportamento relativo ao plantio. Especificamente, os homens com grandes totais de plantio trabalharão menos por salário e contratarão mais trabalhadores assalariados do que os homens que plantam pequena quantidade. O raciocínio dessa proposição é que pequenas terras não ocuparão um trabalhador por todo o ano, deixando-o livre para trabalho assalariado; enquanto que grandes empreendimentos clamarão por mais trabalho do que o próprio trabalhador pode fornecer, criando a necessidade de contratar outros. Essa hipótese está claramente relacionada com a primeira, pelo menos até certo ponto, visto que presumivelmente um indivíduo não planta grandes quantidades a menos que esteja certo de que pode fornecer dinheiro para salários em tempos críticos de grande demanda de trabalho. Um teste de X^2 novamente apóia a hipótese, como mostra a tabela 2.

TABELA 2

Relação entre área cultivada e comportamento de ganho salarial

	<i>Cultivo de área acima da média</i>	<i>Cultivo de área abaixo da média</i>
Apenas contrata outros	13	5
Somente trabalha por salário	6	23
n = 47		
X ² = 10,20		
p < 0,01		

A discussão acima revela um contraste entre indivíduos que trabalham por salário e indivíduos que contratam outros. Há muitos trabalhadores que fazem as duas coisas, trabalhando por salário para superar uma crise financeira temporária, e em seguida contratando trabalho para vencer um deficit temporário de mão-de-obra. Mas, nos extremos da distribuição encontra-se o que pode ser isolado como dois tipos ideais de trabalhador residente de fazenda. De um lado está o trabalhador "empresarial", que tem algum capital, sabe como conseguir mais através de empréstimo, e aceita o risco e as responsabilidades de contratar grande quantidade de trabalho assalariado, contando com condições fortuitas de tempo atmosférico para dar-lhe um proveito muito grande em seu investimento. Vimos que os salários jamais excedem cerca da metade do valor de trabalho investido na produção agrícola, de modo que é claro que essa via pode conduzir a considerável riqueza (e talvez, por fim, ao acúmulo de bastante capital para adquirir uma pequena terra e tornar-se completamente independente da fazenda). No pólo oposto encontramos o trabalhador "proletário", que trabalha por salário a maior parte do ano, quase nunca contrata outros trabalhadores, e não tem oportunidade de acumular muita riqueza. A tabela 3 sumaria êsse contraste.

TABELA 3 (*)

Relação entre classe de riqueza, comportamento relacionado ao plantio e trabalho-salário.

Cinco homens que trabalhavam mais por salário

	Classe de riqueza		Plantio total (1. milho)		Dias de trabalho assalariado		Homens-dia contratados	
	B.V.	O.P.	B.V.	O.P.	B.V.	O.P.	B.V.	O.P.
	41	35	10	9	200	220	0	0
	27	30	9	12	150	140	0	1
	10	18	24	21	121	116	6	4
	22	25	11	10	104	110	2,5	2
	37	29	15	13	91	100	0	0
Média	27	27	14	13	133	137	1,7	1,2

Cinco homens que contratavam mais trabalho

	B.V.	O.P.	B.V.	O.P.	B.V.	O.P.	B.V.	O.P.
		9	7	103	75	0	0	402
	16	12	54	60	0	0	207	200
	23	1	60	45	0	0	200	185
	3	5	30	60	0	0	86	80
	1	20	40	30	0	0	85	78
Média	10	9	57	55	0	0	196	164

(*) B.V. = Boa Ventura

O.P. = Ouro Preto

Essas diferenças entre indivíduos são especialmente significativas quando se entende que todos os trabalhadores de que nos ocupamos aqui são dependentes de uma fazenda, e aceitam para trabalhar qualquer terra que o proprietário lhes destine. Todos os trabalhadores consideram-se como iguais, pois o proprietário da terra, situado infinitivamente acima deles em riqueza, é a figura significativa que serve de base

BIBLIOGRAFIA

BELSHAW, Cyril S.

- 1965 *Traditional Exchange and Modern Markets*. Modernization of Traditional Societies Series. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall.

BOURDIEU, Pierre

- 1963 "The Attitude of the Algerian Peasant Toward Time", in *Mediterranean Countrymen* (ed. by Julian Pitt-Rivers). Paris: Mouton.

FOSTER, George M.

- 1967 *Tzintzuntzans Mexican Peasants in a Changing World*. New York: Little, Brown and Company.

MINTZ, Sidney

- 1959 "Internal Market Systems as Mechanisms of Social Articulation", in *Proceedings of the 1959 Annual Spring Meeting of the American Ethnological Society* (ed. by Verne F. Ray). Seattle: University of Washington Press.
- 1960 A tentative Typology of Eight Haitian Market Places. *Revista de Ciencias Sociais* 4:15-58.

OBERG, Kalervo

- 1965 The Marginal Peasant in Rural Brazil. *American Anthropologist* 67:14-17-1427.

SKINNER, G. William

- 1964 Marketing and Social Structure in Rural China. *Journal of Asian Studies* 24:3-43.

WOLF, Eric R.

- 1966 *Peasants*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall.

ALLEN W. JOHNSON
Columbia University New
York, New York

BERNARD J. SIEGEL
Stanford University
Stanford, California

para distinções individuais. Contudo, podemos ver que as diferenças de riqueza são, na verdade, importantes influências que atuam sobre o comportamento entre os membros da classe camponesa.

SALÁRIO E CONCLUSÃO

Nesse trabalho, tentamos, primeiro, especificar as regras que regem os processos de alugar os próprios serviços, ou contratar os de outrem, em troca de salários no segmento camponês das sociedades de fazenda no nordeste brasileiro. Em segundo lugar, deduzimos uma medida de renda em termos de uma razão entre o valor da produção total e o trabalho total investido, fazendo a correção de acordo com o custo de aluguel. E finalmente, tentamos considerar a opção por trabalho assalariado ou atividade baseada na renda, em que se pôde mostrar que existe entre as duas uma significativa discrepância quanto a retribuições. A análise dessa relação, incidentalmente, faz-nos sugerir que isso constitua um exemplo de "utilidade marginal" no nível micro-econômico. Os dados podem também ser considerados como resultados de decisões individuais baseadas em avaliações de ganho e custo implicados na maximização de satisfações por parte de uma sociedade agrária que dispõe de determinados recursos, conhecimentos e tecnologia. É interessante observar que, usando o mesmo conjunto de regras e conhecimento culturais, alguns indivíduos parecem aceitar riscos consideravelmente maiores que outros. Pretendemos num trabalho subsequente examinar mais detalhadamente a variação que existe dentro dessas comunidades a esse respeito e explorar, particularmente, alguns dos fatores associados com tipos empresariais: suas origens sociais, motivações, faixa de comportamento com relação à tomada de riscos, e os efeitos de seu comportamento no sistema como um todo.